

OS FILHOS DESTERRADOS
DE ODÙDÚWÀ¹: A DIÁSPORA
YORÙBÁ²-NIGERIANA NA
CIDADE DOS MÚLTIPLOS
ENCONTROS.
João Ferreira Dias

Proposta e Metodologia

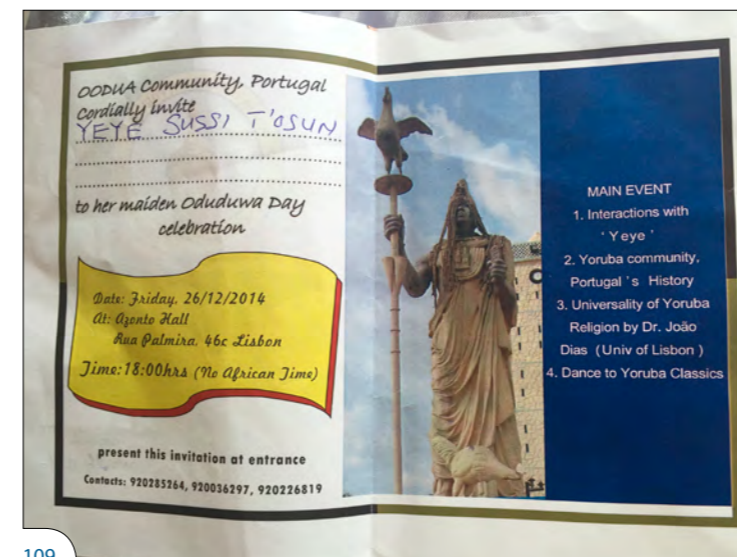
A cidade de Lisboa apresenta ao visitante um emaranhado urbano e cultural entre as colinas, as ruas pombalinas e uma encruzilhada de gentes de origens várias, factos que permitem pensar a globalização nos termos de Appadurai de «modernidade à solta». O olhar etnográfico conduz-nos pela Avenida Almirante Reis e suas múltiplas expressões religiosas, ao Martim Moniz do oriente longínquo, até ao Largo de São Domingos e a Calçada Garcia onde os africanos de múltiplas identidades étnicas se cruzam, vendem produtos, trocam notícias de casa. A história da presença africana na cidade de Lisboa é longa embora quase despercebida (Tinhorão 1997, Fonseca e Castro Henriques 2002, Castro Henriques 2009). O presente artigo observa os emigrantes nigerianos em Portugal, e em particular os de identidade cultural Yorùbá (Ferreira Dias 2013b) habitantes na cidade de Lisboa, pelo recorte etnográfico, buscando entender a forma como estes se organizam e vivenciam a sua experiência identitária e religiosa. Ao usar do *gesto etnográfico* (Pina Cabral 2007) parto da experiência de descer a Avenida Almirante Reis, pensando-a como encruzilhada religiosa e da celebração “Odùdúwà Day” ocorrida a 26 de dezembro de 2014, precisamente num braço de tal encruzilhada.

Apesar de minoritária – de acordo com os dados do relatório de 2013 do SEF, apenas 365 nigerianos viverão em Portugal, de entre os quais aproximadamente 20 serão Yorùbá – esta comunidade permite pensar a diversidade étnica e cultural na cidade de Lisboa, traçando um roteiro de práticas alternativas e oferecendo dados para políticas de inclusão; ao mesmo tempo que nos oferece a possibilidade de pensar a diáspora, as resignificações identitárias e as justaposições culturais de um povo emigrado, tendo por pano de fundo a sua primeira celebração cultural em Lisboa.

Lisboa é *bué* Linda

A história é escrita pelos vencedores, disse George Orwell, e dos vencidos e dos silêncios se escreveria outra história acrescento eu. Tais ideias muito têm a ver com a história da presença africana em Portugal, particularmente na capital portuguesa. O Poço dos Negros, em Lisboa ou o Paço dos Negros da Ribeira de Muge, Almeirim, são lugares silenciados na história portuguesa. Dos africanos não se faz narrativa em terras portuguesas. Do escravo de Camões não reza a história. Das práticas religiosas africanas, que desde o séc. XV ocorrem em Portugal (c.f. Calainho 2001), não se faz memória coletiva. Ao traçarmos o roteiro cultural percebemos que a constituição das identidades locais edifica-se nas especificidades, nos detalhes que conferem um caráter *sui generis* e de incontestável identificação. Tal ideia não se desampara da noção de ‘existência de longo-termo’ – importando ao português o anglo-saxónico *long-term existence* – que marcariam, assim, as paisagens locais. Mas onde ficam os negros que cruzam as ruas de Lisboa há meio milénio, na cidade *alfacinha*, na capital do fado vadio e outros fados, na cidade das sete colinas, e capital de um Império a (re) haver? As representações sobre a cidade de Lisboa jogam-se e debatem-se, entre o muito *alfacinha* do fado, da sardinha-assada, dos manjericos, das marchas populares, dos bairros históricos, e a cidade que é e se orgulha de ser diversa e de múltiplos encontros, entre as vozes lisboetas, da região fria dos Balcãs até à Rússia, açucaradas da outra margem do Atlântico, das muitas Áfricas, dos turistas de mil origens, dos estudantes Erasmus. Esta Lisboa é toda ela feita de memórias justapostas e de supressões intencionais de modo a que se opere no sentido da coerência (Lowenthal 1998) e a linearidade da história se trace. A Lisboa justaposta é apresentada por Francisco Avelino Carvalho (2006) em três eixos ou imagens: a *alfacinha*, a africana e a diversificada. À Lisboa *alfacinha* corresponde a dos elétricos, do fado, das festas populares, das marchas, da sardinha assada,

Fig. 1 Convite-programa para a celebração “Odùdúwà Day”, 26 de dezembro de 2014



das varinas; é a “Lisboa menina e moça” de Carlos do Carmo, dos cacilheiros, do Padrão dos Descobrimentos, dos pastéis de Belém, dos bairros típicos, dos marialvas, do fado vadio, das castanhas assadas que enchem o ar de aromas no Outono, do Chiado, da Baixa, de Fernando Pessoa, das lojas, dos alfaiates, do amolador, das barbearias e dos pregões que ainda se esperam ouvir. Como se percebe da análise de F.A. Carvalho aos guias turísticos de Lisboa, há muito de narrativa nostálgica nesta Lisboa que é quase um eterno pátio das antigas. É, portanto, uma Lisboa à luta com a irreversibilidade do tempo, é uma cidade em ansiedade por prender o tempo que é sempre inalcançável (Pickering e Keightley 2006, 920). À Lisboa africana correspondem os bares e discotecas africanas que há já duas décadas enchem a cidade dos abraços apertados do kizomba, os cabeleireiros onde as conversas se demoram nos penteados, e inevitavelmente do Rossio e do Largo São Domingos que recupera o terreno real ou o mercado africano onde tudo acontece.

Fig. 2 Montra da loja “Armazém Xangô”, na Av. Almirante Reis. Arquivo do autor.



Por fim, a Lisboa da diversidade, o *melting pot* não longe dos mil tons e sons nova-iorquinos, dos rodízios e dos “bons-dias” em sotaques brasileiros, às lojas e restaurantes chineses, ao à mil e uma Natashas de cabelos doirados, do alemão que desce dos escritórios instalados no Centro Comercial Colombo, dos restaurantes franceses, italianos, nepaleses, hindus, aos incontáveis japoneses do tão em voga *sushi*, dos turistas que alimentam as ruas da cidade todos os dias, dos estudantes Erasmus em busca das praias portuguesas e das noites do Bairro Alto onde se demoram no “Erasmus corner” e o inglês é língua-franca mas onde o castelhano, o alemão, o italiano, o francês, ou polaco se fazem sentir entre a Travessa da Cara e o Miradouro de São Pedro de Alcântara. O Centro Comercial da Mouraria, em 2015, já não é o espaço multiétnico que a *Time Out* (apud Carvalho 2006) referia nos longínquos anos de 2001. Dos bares onde se serviam cerveja gelada, *dal* indiano ou a *moamba* angolana, dos cabeleireiros e lojas africanas, dos minimercados indianos e das lojas esotéricas, restam muito poucos. Os aromas gastronómicos desapareceram e ficaram apenas as lojas asiáticas com toda a mercadoria que se possa imaginar, e o centro comercial é hoje uma verdadeira *Chinatown*. Ainda há quem ali vá comprar *djembés* à loja do Sr. Abdoulaye, ou especiarias indianas, mas o negócio é quase exclusivamente chinês. Aliás, a Mouraria de mouros nada tem, sendo cada vez mais a Pequim alfacinha, com mais de uma dezena de cabeleireiros chineses, restaurantes e até consultórios de Medicina Tradicional Chinesa.

A Lisboa Religiosa

Lisboa é hoje uma cidade de muitos credos. Das velhas igrejas à Mesquita Central de Lisboa na Avenida José Malhoa, passando pelo Centro Ismaili na Avenida Lusíada, paredes-meias com a Loja do Cidadão, ao Templo Hindu Radha Krishna na Alameda Mahatma Gandhi, à Sinagoga Shaaré Tikvá na Rua Alexandre Herculano, aos escritórios Baha'i na Rua Cidade Nova Lisboa, à uma dezena de Centros de Ajuda Espiritual da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), ao futuro templo budista em Monsanto, e à Igreja da Cientologia na Avenida Almirante Reis*. Em rigor, é esta Avenida que melhor espelha a diversidade religiosa e étnica em Lisboa. O *gesto etnográfico* revela-nos uma avenida pintada em tons de semáforos, luzes dos automóveis que sobem e descem a avenida num carreiro infundável que só se silencia madrugada dentro, altura em que chegam os rostos noctívagos que limpam a cidade enquanto esta dorme, e de incontáveis vozes e sons, em diferentes

línguas, diferentes ritmos, diferentes histórias de vida. De ambos os lados da Avenida se vislumbra as dinâmicas do mercado religioso português. As lojas “Orixás” e “Armazém Xangô” (recentemente deslocada da Praça do Chile, também em Lisboa), refletem a implementação das religiões afro-brasileiras em Portugal, desde meados de 1970, no rescaldo do 25 de Abril de 1974. Apesar do nome “Orixás”, por ali vendem-se muito poucos recursos rituais do universo afro-brasileiro. Em contrapartida, há uma pluralidade de ofertas religiosas que vão dos santos católicos do imaginário popular e da *Umbanda* até aos pós e incensos que atraem amor, dinheiro, sorte, calma e tantas outras fortunas, velas de vários aromas e tons. A loja “Armazém Xangô”, propriedade de um alemão casado com uma brasileira, já sem os conjuntos de atabaques e objetos rituais com elementos naturais como o *erúkere* de *Oyá*, por restrições alfandegárias, ou trajes rituais, produtos que marcaram o apogeu da loja na Praça do Chile, continua, ainda assim, a vender barcos para as oferendas a *Yêmonjá* (ou lemanjá como mais popularmente se encontra), estátuas da mesma divindade de todos os tamanhos, pós para infundáveis propósitos, banhos para todos os objetivos, ervas que curam, animam, fomentam desejos, e que servem tantos outros propósitos, colares de missanga ligados aos cultos afro-brasileiros (vulgarmente designados por “guias”), alguns agogôs, santos católicos, numa vasta oferta que atrai “pais” e “mães-de-santo”, “curandeiras” ou populares que buscam o religioso doméstico, sobre quem o proprietário se refere como “quem ouviu cantar o galo e não sabe onde”. E porque a Avenida é toda ela religiosa e ali também mora a Igreja da Cientologia e a católica Igreja dos Anjos, ficando em freguesias como Anjos e São João de Deus, não é de estranhar que se multipliquem as lojas da especialidade, ainda que conotadas com universos descritos entre as gentes como “bruxaria”. Isto recorda-nos as palavras de Unamuno (1908), quando este dizia que a religiosidade portuguesa tem de ser buscada por baixo das formas canónicas da religião oficial. Esta microetnografia que nos transporta à religiosidade experienciada em Lisboa, não fica completa sem um pequeno desvio para a Rua Maria Andrade, paralela à Avenida Almirante Reis, uma das encruzilhadas de uma avenida cheia de religiosidade, onde encontramos a loja “Pestana e Filho”, que anuncia “venda ao público e revenda”. A montra da referida aporta-nos ao lado mais híbrido e cumulativo do imaginário religioso português. Aos pés de uma lemanjá de tez branca, que nos recorda as várias Nossas Senhoras do catolicismo português, habitam velas para todos os efeitos, as santas e os santos do catolicismo lado a lado

com divindades hindus, e espanta-espíritos dos índios norte-americanos. No interior a azáfama de quem atende uma clientela maioritariamente do sexo feminino, que adquire incensos, banhos e óleos “rituais”, segundo a terminologia da vitrine. Há ali estantes com cartas de tarot, livros sobre os Orixás, amarrações, Pomba-Giras, lado a lado com imagens do Ying-Yang e de Buda. Há velas de *Exú*, de falos e de membros do corpo humano que nos remetem aos muito costumeiros *ex-votos* do religioso português. Uma lemanjá de representação idêntica à da montra, agora de metro e meio de altura, ocupa local de destaque, ladeada por um Jesus Cristo de menores dimensões, e como pano de fundo uma parede repleta de crucifixos. Entre *tickets* e embrulhos que entrega aos clientes, J., o filho do proprietário da loja, na casa dos 40 anos, tem tempo para dizer que por ali se vende de tudo um pouco, não havendo um cliente específico: “Há o acreditar que a água é mais natural e eficaz. Há clientes para tudo. Depende das crenças. Há a religião e há as crenças”. A demarcação entre religião e crenças surge como um património do imaginário popular português, que confere a designação de religião ao catolicismo eclesial e de crenças às formas populares que correm à margem deste. A Lisboa religiosa impressa na Avenida Almirante Reis conduz-nos finalmente ao nosso estudo de caso.

Odùdúwà e os Yorùbá

Antes de avançar para a celebração do Dia de Odùdúwà, importa uma contextualização do povo em enfoque *en passant*, remetendo para outra sede leitura mais detalhada sobre a constituição histórica da identidade Yorùbá (Ferreira Dias 2013b). O império *Ọ̀yọ́-Yorùbá*, edificado ao longo de mais de meia-dezena de séculos, tomba em 1830 aos pés de iniciativa

Fig. 3 Mapa da Nigéria

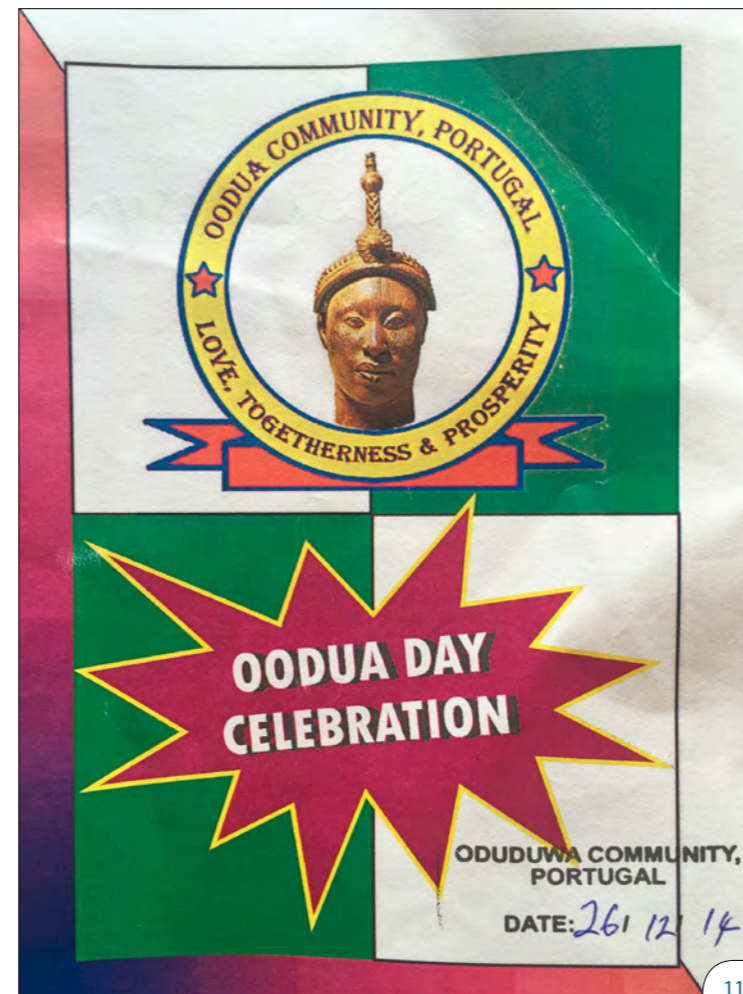


jihadista do Califado de Sokoto e do Emirado de Ilorin. Para trás ficam as diferentes etapas de hibridização cultural, política e religiosa que, ainda assim, não desmontaram as referências étnicas locais, e nesse sentido ainda que Yorùbá todos estes povos que hoje habitam grande parte da Nigéria e partes do Togo, República do Benim e Gana, continuam a manter a sua filiação primária como *kétus*, *ondos*, *ẹ̀gbá*, *abẹ̀òkúta*, entre outras. A colonização inglesa e o projeto da *Church Missionary Society* (CMS) de criação de uma *nação* cristã no coração da *África Negra*, operaram no sentido contrário, lançando as bases para a constituição do *Renascimento Cultural Lagosiano* e com ele da constituição da «comunidade imaginada» que é a Yorùbá, que se edifica e se expressa na e a partir da experiência diaspórica escravista na Bahia (os *nagô*), em Cuba (os *lukumi*), e na Serra Leoa (os *sàró*). A experiência de alteridade em contexto autóctone com o cristianismo e os colonos ingleses, em diáspora com os diferentes africanos e as populações locais, aliadas a uma nova elite intelectual proto-Yorùbá, agiram no sentido da criação de uma identidade nova, que se voltava para um ideal nostálgico de um império que já não existia mas que representava os *happy golden days of yore*. No exercício fundacional identitário, na assunção clássica de «inventar tradição», a figura de *Odùdúwà* assume particular relevo, constituindo-se como o herói civilizador, *founding father* de toda a nação Yorùbá e progenitor de toda uma nova dinastia. Ainda que tal seja uma farsa (Adesóji 2006), a verdade é que serviu de aglutinador das múltiplas identidades locais e diaspóricas proto-Yorùbá. É este herói que foi celebrado no evento que se etnografa adiante, e no qual participei ativamente. *Odùdúwà em Lisboa*

A Comunidade Yorùbá de Lisboa é muito volátil. A. A. John, com cerca de 50 anos, circula entre a capital portuguesa e Oslo, na Noruega. A. Adetayo não participou no evento de 26 de dezembro por se encontrar na Áustria. A. S. Adewuyi prepara-se emigrar para o Reino Unido, onde já se encontra, há uns anos, Taywo. A vida desta comunidade falante de inglês mais do que de português não é fácil. Construção civil, pequeno comércio, restauração, mas acima de tudo muito trabalho temporário. Por isso não é fácil avançar com número exato de habitantes Yorùbá em Lisboa, embora o número médio de 20 seja mais ou menos seguro. Numa cidade onde a categoria “africanos” é extremamente operatória, os Yorùbá misturam-se e confundem-se com os demais oriundos do mesmo continente. Há já Yorùbá nascidos em Portugal, crianças que crescerão com o português como língua fora de casa e que transitarão entre vários mundos: o africano, o

afrodescendente, o nigeriano, o Yorùbá. Toda a desestruturação e desenraizamento sofrido pelos africanos, particularmente com a colonização, expressa-se na dinâmica da *Oodua/Oduduwa Community Portugal*, fundada em 2004, onde os aspetos de socialização se sobrepõem à memória nativa, onde gerar um espírito comunitário é prioritário face à preservação cultural, cabendo, em cada domingo, a cada um o dever de acolher os restantes membros da comunidade em sua casa, à volta da comida, da música, das lembranças, dos assuntos quotidianos. Todavia, orgulhosos da sua identidade os Yorùbá de Lisboa, os *pòrtúgèrè*, celebraram o seu primeiro dia nacional em terras portuguesas, num evento que serviu para mostrar às restantes

Fig. 4 Convite para a celebração “*Odùdúwà Day*”, 26 de dezembro de 2014



comunidades africanas a sua cultura própria. O processo de alteridade ocorreu, assim, pela via da *demonstração*, i.e., ao invés de se autorreconhecerem pelo confronto com o “outro”, os Yorùbá de Lisboa mostraram ao “outro” a sua diferença, o que reforça a ideia corrente entre os africanos de que há uma classificação tática das culturas africanas, cabendo à Yorùbá papel de destaque, como se entende pelas afirmações dos guineenses habitantes em Lisboa: “Culture Yorùbá? Très forte!” [Cultura Yorùbá? Muito forte]. O convite, impresso com a figura de *Odùdúwà* em destaque, registava as 18h00 como hora de chegada, acrescentando “No African time” [horário não africano]. O número 46c, da Rua Palmira, braço da Avenida Almirante Reis, passava despercebida naquela noite fria de dezembro. Um mero portão que nos foi aberto por um desconhecido, um corredor com vitrines vazias e um papel impresso em A4 a anunciar o *Oduduwa Day*. Eram 18h00 e a decoração da sala ainda prosseguia. Sentados na mesa que nos era destinada – encontrava-me presente num triplo papel: orador convidado na qualidade de investigador da Universidade de Lisboa, membro da Comunidade Portuguesa do Candomblé Yorùbá (CPCY) e observador do evento – foi possível compreender a dimensão do *no African time*. À exceção do Pastor Emmanuel, os demais convidados, anunciados em papéis nas mesas, como a Comunidade Delta, Comunidade Igbo, Comunidade dos Camarões, e tantas outras comunidades africanas, foram chegando paulatinamente até às 20h30, altura em que foi finalmente possível começar a celebração. A chamada às mesas principais visava destacar os convidados especiais, entre eles a sacerdotisa Yèyè’Lòrìshà Sussu, como a mencionam, presidente da CPCY e sacerdotisa Yorùbá, e o presidente da *Oodua Community Portugal*, A.A., que ostentava uma coroa no seu *filá*, chapéu Yorùbá feito em tecido. Aplausos num clima de formalidade. As orações cristãs e islâmicas refletem as dinâmicas históricas e as tensões das sociedades africanas (c.f. Matory 1994), num *ámen* que pretende destabilizar o *amin*. Caso pontual. As orações foram acompanhadas em silêncio, de pé e saudadas a rigor. A.S. Adewuyi ofereceu uma “breve história de Oduduwa e dos Yoruba” [“Brief History of Oduduwa and Yoruba”], cheia de espírito nacionalista e traçando as influências Yorùbá para além das fronteiras nigerianas, e para além de África até à Carolina do Sul, nos Estados Unidos, onde existe a Oyotunji Village, comunidade Yorùbá com um rei coroado em África; ao mesmo tempo que orgulhosa da vice-presidência da comunidade nigeriana em Portugal, ocupada por P. Olaleye Felix, homem Yorùbá, e da presença da sacerdotisa 113 supracitada, como “cabeça espiritual da religião Yorùbá

em Portugal (...) sua santidade Yeye Sussu t’Osun” [“the spiritual head of yoruba religion in Portugal (...) her holiness, Yeye Sussu t’Osun”]. Obi (noz de *cola*), símbolo da religião Yorùbá, foram sendo passados entre os presentes, enquanto o dinamizador do evento, saudava os convidados chamando-os à participação silenciosa, ao mesmo tempo que, enquanto participante, cumpria a minha leitura sobre a universalidade da religião Yorùbá. Não pretendo, aqui, etnografar detalhadamente o evento, inclusive em favor das limitações do espaço exíguo. Merece menção, para os presentes efeitos, o continuado esforço dos anfitriões no contornar das dificuldades técnicas ligadas ao som, aos atrasos e desinteresses dos convidados que, ainda que elegantemente trajados, pareciam mostrar esporádico interesse pela cultura Yorùbá, a menos que a mesma viesse associada a música, como a mostra de ritmos e cânticos Yorùbá do Candomblé (religião afro-brasileira) executados pela CPCY.

Hino da Oduduwa Community Portugal.
Arquivo de Julius Juliuso

Notas conclusivas

Lisboa é uma cidade multiétnica e multicultural, apesar de ser igualmente bairrista e alfacinha. É, ainda, uma cidade africana, ao albergar marcas da presença de longo-termo quer de escravos quer de africanos imigrados. A Lisboa da sardinha assada é, então, igualmente do afro-brasileiro *vatapá*, das especiarias do caril indiano, da *moamba* angolana, ou do *sushi* japonês. Da Avenida Almirante Reis até ao Largo de São Domingos, passando pela Mouraria, o olhar pasma-se diante da diversidade convivente. Há, por ali, muitos espaços de alteridade e socialização. O Largo de São Domingos e as suas muitas áfricas recordam-nos que a “Lisboa, menina e moça” de Carlos do Carmo é também a da “Travessa do Poço dos Negros” dos Trovante. Esta Lisboa é, também, de muitos credos. É uma cidade de antigas igrejas, mas também de templos muçulmanos, de sede bahai’i, de templo hindu, de várias igrejas evangélicas, entre tantas outras. É, ainda, uma cidade de religiosidade permanente, de transição entre crenças, de hibridismos, de justaposições (Bastos 2001) e de um mercado pulsante espelhado em lojas esotéricas. Toda esta diversidade religiosa que foge ao canónico e ao narrativo de um Portugal eminentemente católico – que Unamuno no início do século XX já notava não ser real (1908) – encontra-se na Avenida Almirante Reis.

Reconhecendo a diversidade africana presente na cidade de Lisboa, procurei trazer as dinâmicas sociais dos nigerianos-Yorùbá, pese embora a sua reduzida presença social – cerca de vinte permanentes, de entre os que circulam entre Portugal e outros países europeus –, como estudo de caso para a compreensão de que a Lisboa africana é feita de muitas áfricas em diálogo entre si, como se depreendeu do evento *Oduduwa Day* que, ao buscar valorizar a memória destes nigerianos de identidade Yorùbá, serviu maioritariamente para mostrar aos representantes de outras comunidades africanas o seu orgulho cultural, ainda que todo ele mesclado entre globalização, amnésia e rearranjos religiosos entre tradições autóctones, islão e cristianismo.

Fig. 5 Membros da Oduduwa Community Portugal, fazendo os últimos acertos ao evento. Arquivo do autor.

Fig. 6 Panorama do espaço de ação do evento, durante os derradeiros preparativos. Arquivo do autor.

Fig. 7 Oração inicial. À direita Yeye L'Orisa e comissão organizadora Yorùbá. Arquivo do autor.



Bibliografia

- Adésojí, A. O. (2006). The Oduduwa Myth and the Farce of Farce of Yoruba Unity. *EnterText*, 6, (3), acesso em http://www.brunel.ac.uk/_data/assets/pdf_file/0009/186624/ET63AdesojiED.pdf.
- Bastos, C. (2001). Omulu em Lisboa: etnografias para uma teoria da globalização. *Etnográfica*, 5(2), 303-324, acesso em http://ceas.iscte.pt/etnografica/docs/vol_05/N2/Vol_v_N2_303-324.pdf.
- Calainho, D. B. (2001). Jambacousses e Gangazambes: feiticeiros negros em Portugal. *Afro-Ásia*, (26), 141-176, acesso em <http://www.redalyc.org/pdf/770/77002604.pdf>.
- Carvalho, F. A. (2006). O lugar dos negros na imagem de Lisboa. *Sociologia, Problemas e Práticas*, (52), 87-108, acesso em <http://www.scielo.gpeari.mctes.pt/pdf/spp/n52/n52a05.pdf>.
- Castro Henriques, I. (2009). *A Herança Africana em Portugal – séculos XV-XX*. Lisboa: CTT Correios de Portugal.
- Ferreira Dias, J. (2013b). Dos nãgó da Bahia aos pò rtúgêrê de Lisboa: Um olhar sobre identidade e religião em diáspora. *Cadernos de Estudos Africanos*, 25, 183-205, acesso em <http://www.scielo.gpeari.mctes.pt/pdf/cea/n25/n25a11.pdf>.
- Fonseca, J., & de Castro Henriques, I. (2002). *Escravos no sul de Portugal: séculos XVI-XVII*. Lisboa: Vulgata.
- Lowenthal, D. (1998). Como conhecemos o passado. *Projeto História*, 17, 63-202, acesso em <http://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/11110/8154>.
- Matory, J. L. (1994). Rival empires: Islam and the religions of spirit possession among the Òyóo-Yorùbá. *American Ethnologist*, 21 (3), 495-515, acesso em <https://fds.duke.edu/db/attachment/1177>.
- Pickering, M. & Keightley, E. (2006). The Modalities of Nostalgia. *Current Sociology*, 56, 919-41, acesso em <http://csi.sagepub.com/content/54/6/919.full.pdf>.
- Pina Cabral, J. (2007). Aromas de urze e de lama: reflexões sobre o gesto etnográfico. *Etnográfica*, 11(1), 191-212, acesso em <http://www.scielo.gpeari.mctes.pt/pdf/etn/v11n1/v11n1a10.pdf>.
- Público (2012). Budistas vão ter um templo em Lisboa no próximo ano. *P3*, acesso em <http://p3.publico.pt/actualidade/sociedade/4728/budistas-va-ter-um-templo-em-lisboa-no-proximo-ano>.
- Ramos Tinhorão, J. R. (1997). *Os Negros em Portugal – Uma Presença Silenciosa*. Lisboa: Editorial Caminho.
- Unamuno, M. de (1985 [1908]) Las animas del purgatorio en Portugal in Á. M. de Dios (ed.), *Escritos de Unamuno sobre Portugal*. Paris: Fundação Calouste Gulbenkian.

Léxico

* Apesar de se poder entender como um equívoco fruto do desconhecimento, facto é que ao contrário do que afirma o vereador José Sá Fernandes, a *religião* budista não é “a única sem templo em Lisboa” (Público 2012). Desde 2010 que a CPCY vem pedindo à Câmara Municipal de Lisboa um espaço para utilização religiosa.



Fig. 8 Iemanjá. Grafiti de Finok na Rua de Manica, Olivais. Fot. José Vicente, 2015. GAU_20150129_017.